



Relatório da Oficina Pré Congresso Abrasco

Novos Sanitaristas para o Brasil

UERJ, dias 24 e 25 de julho de 2018.

A oficina “Novos Sanitaristas para o Brasil”, surgiu no contexto da Secretaria Executiva da RedEscola – STE, com o propósito de debater a ação construída e implementada pela Redescola de retomar um novo ciclo de formação de sanitaristas para o Brasil. Iniciada em 2015 com 10 das suas 49 instituições formadoras. Com a meta de formar 600 sanitaristas em dois anos, atingida no primeiro ano e com a mesma previsão para o segundo, o curso atingiu a incrível marca de 5.833 alunos inscritos.

A Oficina tinha como objetivo dialogar e instrumentalizar os participantes, convidando-os para a continuidade da oferta e o desenvolvimento de novas turmas de sanitaristas contando com o apoio da Redescola. Mais especificamente, a Oficina propôs dialogar sobre o perfil deste sanitarista diante do atual cenário do Brasil e do SUS, a importância do trabalho em rede como estratégia fundamental na construção das ações para esta formação, além de propiciar a constituição de novas parcerias para a formação destes sanitaristas.

A metodologia proposta teve como base o pensamento de Paulo Freire quanto à dialogicidade, com momentos de interação e troca de experiências a partir da horizontalidade na construção dos saberes de cada um e de todos, ou seja, uma dinâmica democrática, participativa e reflexiva.

A Oficina foi organizada em dois dias. No primeiro os participantes, se apresentaram e dialogaram norteados por duas perguntas disparadoras: o que esperamos da formação em

saúde pública frente ao atual cenário do SUS?; e quais temas e questões são importantes para a formação em saúde pública?

Os 30 participantes presentes promoveram intenso diálogo destacando-se como principais pontos, o caráter político-social do sanitarista e seu compromisso incondicional com os princípios e diretrizes do Sistema Único de Saúde.

O grupo debateu profundamente esse aspecto e considerou que uma formação de caráter político, acima de tudo, requer o desenvolvimento de liderança, capacidade de governança, reflexão e inserção com vistas a transformar a realidade no qual está inserido.

Nesse sentido, o de “transformar a realidade”, tomou-se como “realidade” além do conteúdo técnico – epidemiologia, vigilâncias, planejamento etc - o contexto geral, os determinantes sociais, diversidades culturais e territoriais, de gênero e raça, o trabalho em saúde e suas relações interpessoais.

O sanitarista que corresponda às necessidades e realidades atualmente impostas ao SUS deverá portanto, ter um olhar crítico e integrador, comprometido com o sistema público, sem perder de vista as relações de poder que o permeiam. Com esse olhar, considerado diferenciado, seria mais capaz de produzir propostas de enfrentamento aos problemas cotidianos.

Outros pontos também foram destacados como importantes, entre eles: criatividade, humanidade, engajamento com as demais políticas públicas que dialogam com as políticas saúde.

Para dar conta de um perfil tão complexo, os participantes evidenciaram que o processo formativo do sanitarista dependeria da inserção de conteúdos diferenciados, que extrapolassem os conteúdos técnicos que normalmente compõem a formação em saúde pública como o trabalho em saúde, modelos de atenção em saúde, educação na saúde, ciências políticas, sistemas de informação, territorialidade e territórios saudáveis, saúde e meio ambiente, gênero e raça, comunicação e mídias, método científico da pesquisa e educação permanente em saúde.

A educação permanente em saúde também foi apontada como uma estratégia potente para uma formação crítico-reflexiva capaz de integrar ensino e serviço e a utilização de metodologias ativas de aprendizagem. Sob esse aspecto específico, as práticas pedagógicas foram apontadas como um desafio para a maior parte das instituições

formadoras, sendo mister a formação para docência, ou formação de formadores, no sentido de conferir aos mesmos bases teóricas e práticas acerca das metodologias ativas, visto que as metodologias transmissivas e o cartesianismo ainda são predominantes. Nessa direção, os docentes presentes destacaram o desafio de superar o modelo do Trabalho de Conclusão de Curso, o TCC, transformando-os em Projetos de Intervenção como um método também eficiente na superação do distanciamento entre o ensino e sua práxis.

Docentes das instituições relataram que estão utilizando do modelo de Projeto de Intervenção iniciando os estudos de metodologia da pesquisa *pari passu* à vivência e imersão nos serviços e ações de saúde como uma ferramenta transformadora potente tanto das práticas de ensino, como do trabalho em saúde.

O segundo dia da Oficina teve início com o relato das instituições formadoras presentes e que foram contempladas com o Projeto Formação em Saúde Pública, desenvolvido em parceria entre o Ministério da Saúde, Escola Nacional de Saúde Pública, ENSP/Fiocruz e a RedEscola. Esta ação, desenvolvida em 10 das 49 instituições integrantes da RedEscola, tem como objetivo central redesenhar as bases de formação em saúde pública considerando as novas agendas do SUS e a perspectiva do território como espaço das intervenções sanitárias e sociais. Além disso, buscou prover as Escolas de condições para desenvolver um novo ciclo de formação de sanitaristas no Brasil, conferindo qualidade, atualidade e regularidade na estruturação da oferta educativa, fortalecendo as políticas de saúde e respeitando a diversidade nacional.

Estavam presentes à oficina representantes da Escola de Saúde Pública da Bahia, Escola de Saúde Pública do Ceará, Escola de Saúde Pública de Goiás, Escola de Saúde Pública de Minas Gerais, Escola de Saúde Pública do Mato Grosso, Escola de Saúde Pública de Pernambuco, Escola de Saúde Pública do Rio Grande do Sul e da Escola Tocantinense do SUS.

Na ocasião, as mesmas puderam contar suas experiências na concepção e implementação da oferta dos cursos de especialização em saúde pública em suas instituições, dialogando com os demais participantes presentes. A ideia era que os relatos, fomentado ainda pelas discussões do dia anterior, levassem todo o grupo a pensar caminhos e instrumentos que, compartilhados, conformassem novas estratégias que garantissem a continuidade e

expansão da formação de novos sanitaristas, potencializadas pela articulação em redes, com o apoio da RedEscola.

De fato, os relatos das experiências comprovam que o modo de trabalhar em rede foi um fator determinante para o desenvolvimento dos cursos, já que desde a sua concepção as instituições formadoras participantes aglutinaram-se em torno dos princípios e diretrizes coletivamente construídos, apoiando-se mutuamente através do compartilhamento de saberes e experiências em oficinas, como aquela. Ademais, as instituições tiveram autonomia das instituições na construção local de dos conteúdos de cada curso, cumprindo um dos princípios básicos da formação, a territorialidade.

Destaca-se ainda que as instituições tiveram seu reconhecimento público ressaltados em seus estados, não apenas pela grande demanda da oferta em todas as instituições, mas no cumprimento das metas e na capacidade de articulações locais. O desejo de continuidade e expansão da formação além dos estados implementados é uma unanimidade pra as instituições, fazendo com que algumas já estejam planejados uma terceira turma com suas instâncias locais de gestão.

Esse ponto, aliás, foi um consenso. Os relatos apontaram a importância de fortalecer o trabalho articulado entre as instituições formadoras com as instâncias gestoras e colegiadas locais, como a secretaria de saúde, a Comissão Intergestores Bipartite -CIB, o Conselho Secretários Municipais de Saúde – COSEMS, o Conselho Estadual de Saúde - CES, entre outras. Alguns participantes, por exemplo, discutiram a dificuldade do gestor local do seu trabalhador para que o mesmo possa comparecer a aula, descrita como a maior causa de absenteísmo.

Para os participantes, é preciso comprometer o gestor com o curso, pautando-o até mesmo no Plano Estadual de Saúde. Discutiu-se que a RedEscola poderia construir um documento com dados sobre a importância da formação em saúde pública que pudesse ser utilizado pelas escolas como instrumento de pactuação e sensibilização dos gestores locais. Outra proposta é facilitar a oferta de formação em saúde pública para trabalhadores das secretarias de saúde e demais atores públicos relacionados ao sistema único de saúde.

Assim como a parceria na gestão, o grupo dialogou sobre a divulgação da formação em meios científicos e acadêmicos. Nesse sentido, o grupo empolgou-se com a proposta de promover uma pesquisa de avaliação de impacto do curso nos serviços. Outro estudo importante pra a formação é o mapeamento dos egressos, vistos como espécie de

“multiplicador de saberes” da formação. Tal mapeio, assim como a pesquisa, poderiam ser organizadas pela Secretaria Executiva, STE da RedEscola.

Esse foi um aspecto especialmente debatido pelo grupo: o corpo docente do curso - mais especificamente sobre dois pontos - quanto a contratação dos mesmos pelas instituições e quanto à preparação metodológica necessária para cumprir os requisitos exigidos pela formação. As instituições presentes destacaram a necessidade da revisão, ou reformulação das regras para pagamento do corpo docente estabelecidas, tanto pelo MEC, quanto pelos respectivos conselhos de educação estaduais. Por vezes tais instâncias geram entraves burocráticos, que dificultam, ou mesmo impedem, o pagamento do corpo docente causando prejuízos para a implementação dos cursos.

Quanto à formação de docentes para o uso de metodologias ativas, os presentes debateram acerca do desafio, tanto para o corpo docente e até mesmo para o corpo discente, apropriarem-se do conceito e se utilizarem das suas práticas metodológicas. Algumas instituições escolheram realizar para oficinas regulares de educação permanente em saúde com seu corpo docente, enquanto outras inovaram no Projeto de Conclusão de Curso, propondo que os mesmos fossem orientados pelos problemas reais vividos no cotidiano dos serviços de saúde através de estratégias pedagógicas de integração ensino-serviço.

Os participantes também propuseram a promoção de um levantamento de seus próprios corpos docentes e as possibilidades de contratação. É preciso que as instituições possam, assim como enfrentou-se a questão da certificação dos cursos lato sensu pelas escolas de saúde pública, que é específica para cada estado, partirem para o levantamento da realidade e o enfrentamento da situação de contratação de professores. Tal levantamento também colaboraria para o intercâmbio de professores entre regiões.

Outro aspecto bastante destacado foi a utilização de ferramentas virtuais complementares como o uso da Plataforma Moodle. Desde 2016, a RedEscola em parceria com a EAD/ENSP/Fiocruz realizou ações de transferência tecnológica com instituições parceiras - o projeto foi realizado em 12 escolas, sendo que cinco destas apresentam cursos concluídos. Alguns presentes propuseram a utilização da EAD para a formação de formadores, a princípio, com os alunos egressos que estivessem atuando nos serviços como forma de potencializar a ação educativa dos mesmos nos seus cotidianos de trabalho, além da própria formação nos seus territórios a atuarem para as próprias instituições que os formaram.

Ainda sob esse aspecto, instituições presentes apontaram para parcerias com demais instrumentos de educação em seus próprios estados, especialmente, os núcleos de saúde pública das universidades locais. Muitas descreveram essa parceria como estratégica para sua realidade docente e/ou logísticas, como salas de aula, uso de equipamentos e materiais pedagógicos. Com efeito, as universidades parceiras interessaram-se pelos aspectos político-pedagógicos do projeto e mostraram interesse, também, no desenvolvimento de metodologias ativas de aprendizagem.

Finalmente, os participantes solicitaram que o curso, desde sua concepção, até sua implementação nas instituições propostas, suas idéias, e sua continuidade deveriam estar garantidas no próximo Encontro Nacional da RedEscola, que se realizará nos dias 3, 4 e 5 de setembro de 2018, no Rio de Janeiro.

Os dois dias de Oficina possibilitaram ampla troca de experiências e saberes entre os 30 participantes que nela se encontravam presentes – representantes das instituições que implementaram os cursos de saúde pública no Brasil, professores, trabalhadores da saúde e estudantes de outras instituições, quiçá, novos parceiros da RedEscola.

Alguns encaminhamentos merecem ser destacados como um orientador para os processos de trabalho da RedEscola e da sua STE, responsável pela circulação da comunicação entre as instituições parceiras.

Assim sendo, a STE compromete-se a submeter ao Grupo de Condução da RedEscola com vistas a viabilizar, ou não, algumas propostas aqui registradas, assim como à própria plenária do Encontro Nacional que se aproxima.

A riqueza das discussões apresentadas ressaltam o caráter político do curso e seu compromisso com a transformação das práticas de saúde objetivando a implementação radical dos princípios e diretrizes do SUS, tendo na educação permanente em saúde seu ponto fulcral.

A RedEscola já demonstrou potencial para formação em “larga escala”, como foi o caso da curso nacional de qualificação das auditorias e ouvidorias do SUS que formou mil alunos em todo território nacional. O desafio, contudo, permanece na avaliação dos mesmos, no levantamento dos egressos e na garantia da continuidade de recursos financeiros capazes de mantê-los.

Sob esse aspecto, vale dizer acerca da responsabilidade de todo e cada componente da RedEscola na valorização e compartilhamento da formação e da estratégia em rede, como os próprios cursos de especialização, como ações de perspectiva da política pública de saúde, viabilizando-as e socializando-os nos espaços de poder decisório, como o ministério da saúde, secretarias e instâncias colegiadas do SUS.

PARTICIPANTES

Ana Paula Silva de Faria - Escola de Saúde Pública do Mato Grosso

Ana Shirley Rodrigues Magalhães – Centro Universitário INTA – Sobral/CE

Beatriz Salari Bortolot – Instituto Estudos em Saúde Coletiva/UFRJ

Bruno Costa de Macedo - Escola de Saúde Pública de Pernambuco

Caroline Parente - Universidade Federal do Acre

Danielle Costa Silveira - Escola de Saúde Pública de Minas Gerais

Eryka Nádja M. Rufino – Escola Tocantinense do SUS

Fabíola Sandini Braga - Escola Tocantinense do SUS

Gabriel Antônio Meireles – Faculdade Celso Lisboa

Giancarla Fontes de A. Santos – Escola de Saúde Pública do Mato Grosso

Jadson Franco - Escola de Saúde Pública do Ceará

Jaime Everardo Cesário – Fundação Municipal de Saúde de Niterói

Jéssica Chagas de Almeida - Instituto Estudos em Saúde Coletiva/UFRJ

Kelli Coelho dos Santos - Escola de Saúde Pública de Goiás

Leidy Dayane Paiva de Abreu - Escola de Saúde Pública do Ceará

Lidiane Ávila –

Marcia Agostini – Escola Nacional de Saúde Pública – ENSP/Fiocruz

Maria Élide Machado - Escola de Saúde Pública do Rio Grande do Sul

Maria Fabiana Damásio – Fiocruz Brasília/DF

Marília S. Fontoura - Escola de Saúde Pública da Bahia

Mayrla Castro – Prefeitura Municipal de Itaguaí/RJ

Milena Alves Carvalho Costa – Fundação Escola de Saúde Pública de Palmas

Nathália Rangel Lira da Silva - Instituto Estudos em Saúde Coletiva/UFRJ

Olga Maria Alencar – Universidade Estadual do Ceará

Victor Ferreira Roque Rocha - Escola Nacional de Saúde Pública – ENSP/Fiocruz

SECRETARIA TÉCNICA EXECUTIVA DA REDESCOLA

Beatriz Nascimento Lins de Oliveira

Caco Xavier

Cristiane Saade Rocco

Francisco Salazar

Patricia Pol

Rosângela Carvalho